

GRATO EXÍLIO

Livro 46

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



SENTIDOS

Tenho os sentidos menos intactos, a paciência desiludida, a paz adormecida, o truque revelado, a chaga ainda ferida, o cansaço de quem vem de longe. Tenho a forma moldada pela gravidade e a rotina pelo silêncio.



TENHO TUDO A PERDER

Por minha conta e risco, ancoo a asa no pássaro afoito que distribui flores, na terra teimosa que brota lançando para fora de si odores verdes, pujantes criaturas que me alimentarão na hora de ativar o sentimento decantado que reacende o amor e a vontade de amar.

SER TANTO

Ser tanto quanto seja necessário, se fartar de ser, ser em abundância, provido, copioso, vertido por inteiro, por todos os poros, caudaloso, diluvial. Ser na falta e na abastança, transbordar possuindo. Ser palpitante mesmo na carência; ser o bastante, na dúvida, ser preciso; sê-lo na vida.



ANÚNCIOS A VISTA

Uma risonha expectativa anuncia confiança à vista, arde em esperanças.

VEJO UM RIO NOS TEUS OLHOS

Vejo um rio colado nos teus olhos, a noite ferida, a dor sem rumo, desesperada. Perdido nos teus encantos fujo das fantasias, finjo habilidades, expresso tolices, não tenho nem posso te dar as desejadas garantias. Não posso atestar uma calma que não é minha, tento te encantar com meus pormenores, com certas grandezas, com todo esse meu universo mal traduzido.



CIRCULO ENTRE

Circulo entre o passado e o presente. Enquanto o tempo permita, farei dessa capacidade a mais importante de todas. Devo a ela o poder de escutar ruídos, ouvir silêncios, fragmentar as pedras do caminho, ampliar a onda antes que ela se quebre.

FICA DECRETADO

Fica decretado que a partir de agora o silêncio será defendido permanentemente com avisos de cuidados profundos para que seja preservado por quem por ele passe.



NÃO INVENTEI

Não inventei o perigo, portanto não precisarei inventar a salvação. Ao invés de pôr-me a salvo, não fugirei. Nego-me a oferecer minha esperança em sacrifício, partilhar todo o estoque, renunciar ao difícil. Execrarei os engodos, as sintonias, os insípidos amores, as inóspitas histórias, os espetáculos infelizes, a fascinação pelo mórbido. Porei cada coisa no meu estreito lugar, sei da eficácia dos sofrimentos. Secada a água dos oásis me resta plantar no deserto.

DECLARO E OMITO

Mantenho resguardadas as memórias, a sobrevivida - a vivida e a adiada. Ouço com a pele eriçada ou ferida, que insiste em declarar como omito o tamanho do que sinto; enxugo as mágoas para não escandalizar ou surpreender pela aridez, pela umidade ou pela sede.



MOVO VELAS

Ponho a sede no cofre, bebo o estado de espírito, generalizo os lamentos, travando uma luta constante com as alegrias. Raras vezes provooco a paz tão desejada. Reduzo o espírito de porco, amanso o espanto, encho de arrepios o pavor, hospedo todos os vazios, aperfeiçoo o ato e a intenção, mergulho lá onde me escondo. Movo as velas nas calmarias, abandono os remos, corto a corrente marinha. Faço tudo isso, não sei por quê.

OS ENCONTROS

Não há ocasião tão soberba que seja igual àquela dos encontros que aliviam as saudades.



NO MEIO DO NADA

A solidão é uma espécie de paz no meio do nada tentando tirar algum sentido do vazio.



FORA DE PRAZO

Sem alternativas espero as esperas. Escrevo, imaginando a imagem à semelhança do cultivo e da sementeira. Restauro discretamente a vontade, fortifico os méritos que a curiosidade explora e a paciência acalma.

UM PEDAÇO DA ALMA

A que origem remonta essa intolerância aos que se deixam usar e aos que se oferecem, satisfeitos, a serem usados? Que euforia será essa que fraudas fundamentos, faz cair em logro os valores, deixando-se penetrar sem o cuidado que deveria?

Assisto com um pedaço da alma o que por inteiro não toleraria.

Aos que creditaram ter a porta da fortuna, a pena do uso amparou-se na indiferença. Toda a rede sente perder um pedaço de si que, ao submergir na correnteza, vira cisma.



COLHEITA

Desancorei. Anulo todas as anistias, entrego os poucos carinhos que recebi. Desabastecido evito as queixas, torno inválido um balanço extra, desaperto as mãos, desapego o colo, colho a desordem, não mais

finjo o pleno, estendo a vastidão do vazio calado, o desapontamento que se inclinava para uma tristeza que interrompo, desarmo o sentimento, já não guardo os segredos que me dizem para aliviar o excesso, desate a voz sonora, recupere os abraços, liberte o corpo que corre perigos de tantas ausências, destrave o caminho, restaure aquele teu jeito de amar. Se é que ainda me alcança recordar.



SENTIDOS DEPORTADOS

Aproximo uma frágil crença aos sentidos deportados, despego humanidades nos territórios do medo, canto no lugar do grito, faço verdadeiros e atuais meus adiados desejos, recupero a carícia perdida com que abraçava cada amanhecer. Tornei possível a tolerância, o requerido. O que nunca alcancei virou sonho, posto que o amor não é outra coisa que ir-se amando e voltar amado.

SOBRE UM SOMBRIO FUTURO

Por conta desse cotidiano, não haverá mais aposentadorias tranquilas, nem a imersão nos silêncios, serão automatizadas as ordens, nem os mais lúcidos aceitarão o isolamento sem queixas. Os privilégios da existência sairão mais caros e a escassez abundará. Poderemos dissecar a paciência. Até os encontros mais fúteis terão limites estabelecidos ficando vedada a improvisação e a euforia desmedida. Não serão mais necessárias memórias disponíveis, as lembranças caminharão sós, sem regência e sem contexto. Haverá certezas despossuídas, doçuras singulares, imprevisíveis, aceitadas, a perturbação diversificada entrará minorando importâncias, instalando dispersão de energia e a dissolução nos encontros.

Os afetos caminharão dispersos e confusos, serão diminuídas as fronteiras entre a alegria e o penar, a agonia ensaiará desistências dando sentido à morte, tirando a vontade da vida.

ESPERO QUE SE INSTALE

Sempre que possível, espero que se instale a esperança e que ela seja fácil de usar.



FORA DE PERIGO

Nosso amor está fora de perigo. Já não deixarei de amar-te. Reincidente na entrega, ainda temo dizer-te quanto te quero.

O ENTUSIASMO SE DESPEDE

O entusiasmo se despede rápida e apressadamente espantando a vontade de ficar. Confere tamanho à tristeza que pratica abismos e adota a solidão. Esta definição de prazos sanciona fraturas, resta o pó desencontrado das memórias. Pressinto perdas, afetado vejo envenenada a alma que insiste por encontros, novos adeptos, menos pressa e as vontades restauradas.



AMANHECER

Esse amanhecer que se aproxima provoca escândalo nas minhas mal distribuídas lembranças. Exorta uma alegria desafinada com a demora. Busco um viver frequentado. Encho de jasmims todos os canteiros que ousem ficar por perto, recolho os arquivos mortos sem violar as leis fundamentais, arranco a melancolia do crônico lugar, animo o passado para existir outra vez com uma vontade caudalosa precipitada fazendo

corrente com o desejo de viver sem poupar a vida. Harmonizo os arredores. Um forte vínculo me compromete a ter sonhos, enriquecer-me pelos olhos que veem o que existe na natureza, as inclinações das águas e das árvores.



GESTO SONHOS

Diante da magnífica festa que é encontrar motivação para a vida, constituo versos que falem a verdade nua e crua, experimentando a reação e a hospedagem dos outros para livrar os méritos da confusão não os deixando repousar no lugar errado.

Tomo providências. Anuncio algo em voz baixa esperando que se faça o milagre da mútua aceitação e rompam-se as diferenças aviltantes que impedem o amor de se instalar sem remorsos incentivando a presença, gerando sonhos e vertendo emoções.

EU VAZIO

Esse amor com tão pouca história mas com tanta geografia me confisca a anatomia e a fantasia. Eu vazio, não sei onde me instalar, invento uma alegria enganosa em meio à euforia.



VISITAS

Encerro alguns segredos em lugar seguro, tornos-os invisíveis, ali onde não recebo visitas. Não quero correr riscos.

PERDÕES MÚTUOS

Há que se pactuar perdões mútuos, saber que os acordos se rompem e as mudanças fazem temer. E que há sossego para os medos.



VENTANIA

O amor ingênuo chega entra como se fora um vento ou uma brisa, porque se não fora assim não teria coragem de chegar e ficar, tal o medo de existir. Os olhos enamorados confessam todo o tempo. Uma luz disfarçada aponta a “deusa” amada e aquele que a adora. Pelo tanto de inveja que provoca, é melhor deixar o amor sem alarde.

O ENCANTO

Fica estabelecido que o encanto veio para ficar. Tornou-se estampado, assíduo, íntimo, tratando da sinceridade, incentivando ações prolongadas, com disposição a harmonizar. Envolvente, experimenta todos os sentidos, incluindo neles a alegria intensa, o descobrimento, a revelação que põe em ordem as contradições e traz o gosto da vida. O encanto favorece a causa do amor, põe em prática toda a confiança que se destina a acreditar que é possível. Torna o entusiasmo atrevido, e a causa imediata da paixão e do envolvimento. Dá feição aos acontecimentos felizes.

Por detrás dele se escondem ardentes amores.



CONCEPÇÃO

Subsistem ao tempo a ilusão, a propensão, a repressão, a madeira, a carne e o osso revelam de onde sai a vida, o nome do autor e a origem da obra. Quantas somas,

cruzas, trocas, carícias baldeadas para o corpo onde se confirma o intento e a realização.

Ganham intensidade a casa, o medo, a preocupação que avaria a expressão, a saúde.



ILUSIONISTAS

Os falsos profetas se dedicam a predizer sempre o pior ou a prometer o que jamais será cumprido. Atam nossos pés e mãos ao que ainda está por vir, o futuro que nos atacará com maior fúria do que na falsa profecia anteriormente feita. Mandarei atrás deles enfurecidos reivindicadores que acreditaram neles. Sempre vejo os falsos profetas, na TV, no mercado financeiro, na fofoca. Vendem tranquilidade, estão nos consultórios disfarçados de hipóteses diagnósticas que depois jamais se confirmam. Uns se apresentam como mensageiros, outros como representantes de milagres, disfarçados ou a caráter mesmo. Leem mãos, pés, cinzas, pedras. Neles sempre haverá indício da farsa.

Na boca desses imprudentes visionários, a pior expectativa só se atenua quando o futuro se faz presente sem confirmação. Quando isso acontece, os sedentos de serem enganados mantêm a ilusão, trocando apenas de visionário.



GRATO EXÍLIO

Em torno de ti encontro o caminho para chegar definitivamente ao lugar pretendido. Dá-me teu tempo, ele será meu apoio. Espreitarei e protegerei os caminhos por onde andares em teus passeios. Jamais cessarão meus anseios em privilegiar o que me diz como tua necessidade. Declaro ser meu propósito ajustar-me a conhecer teu idioma, o tamanho da tua sede e a carícia que te dê a paz e te faça dormir.

Contigo volto ao um mundo novo. É tanto o que tenho a viver contigo que me exilarei do mundo para dormirmos corpo a corpo.

FEIXE DE GUARDADOS

Quando chega a noite, o ocaso inevitável descobre-me recitando velhos poemas, feito receitas que inventaram a saudade como um jeito de reeditar as coisas nas quais acredito. Falam do amor como um poder que comove. Nesse feixe de guardados incluo revelações, serenatas, poesias sem rima, promessas, intenções prolongadas, vontade de dar certo, crença nos vínculos, uma ordem necessária e enlouquecida, a paixão desmedida, e, ainda por cima, desabaços, confissões, declarações, pronunciamentos, ciúmes sem limites, motivação para inovar. Sem saber se para sofrer ou ser feliz.



DENTRO DE MIM

Atraso o sentir-me só. Olham-me olhos negros, ignoram-me olhos verdes, enredo-me em cálidos apertos de mão. Dentro de mim, uma dor que chega devagar e se abriga debaixo da pele, alcança o sentimento desprevenido e

atira-me ladeira abaixo, deixando-me sem rimas, sem melodia e sem ar. Quase abrigo uma loucura órfã, solitária, abandonada por aí, desmembrada como uma intolerância que fratura.

Ainda guardo dentro de mim uma lembrança que me supera. O vazio se instala onde não é chamado. Afasto-me, sempre que posso, para retomar a capacidade de insistir em ser feliz.



CONSTATAÇÃO

Venho velar teu sono agora que há silêncio e noite. Entro em tua cama como fantasma que termina uma longa ausência. Confundo o sonho com realidade. Que a surpresa seja meu mapa.

ENTRE O PRESENTE E O FUTURO

Vi, por óbvio, toda a impossibilidade de saber o futuro. Não posso garantir nada que não fosse conhecido no presente. Impregnado pelas coisas impossíveis que se me impõem pela realidade, importo uma fantasia que mate a minha curiosidade.

A despeito da coragem e do tamanho da imaginação, incitei a ficar sujeito, a deixar de atender aos sonhos de cada um que me cerca. O que me faz antever quaisquer danos ou compensações?

O futuro com sua obscuridade, não me permite ver individuação alguma, nenhuma busca de indulto.



NADA MAIS

Estacionar em algum lugar, não sair dele por qualquer coisa. Atrevido, agitar a quietude para colher novas lições. Fermentar, marcar com memória, produzir um alto grau de tensão na monotonia, amaldiçoar o

bom exemplo, abrir mão da esperança que encalha. Confiar no risco calculado. Flutuar sobre as pragas. Fomentar a ausência de impostos. Perder a razão de tanta franqueza. Abrir gavetas. Ter uma última desilusão. Roubar um beijo duma criança. Fundear em águas potáveis. Resmungar, choramingar, suspirar, reclamar. Concertar sérios danos ocasionados. Não dar mais um passo, não dizer nada mais além do que já foi dito. Perguntar o essencial, responder o necessário. Aguentar a confusão, expor o riso, exaurir o choro, ir até o fim. Apagar os rastros. Nisto ficar.



EPÍLOGO

Deixar-se possuir até entregar os pontos, entregar-se à leitura dos sonhos, de sonhos díspares que se entrelaçam por fronteiras mal determinadas, criando sombras que superpõem segredos e se prendem na rede. Enquanto desfaz-se o nó do nervo, tenso, desviado do caminho, inconveniente.

Coisas que o vento não leva.

Enquanto desfaço o nó do nervo, tenso, desviado do bom caminho, inconveniente, entro em desordem, roubado na tranquilidade banhada em choro que me faz jogar fora a raiva e pedir-te para ficar.

Conto um a um os bens vividos, emudeço todas as razões antes que elas me convençam a epilogar a história.



VELHAS MANIAS

Essa velha mania de gostar de tudo o que posso, do que gosto bebido como água da fonte, comido com inocência feito mingau pelas beiras. Sempre me faz ter de volta essa vontade de gostar de tudo o que posso, mesmo que eu não possa.

FLORES E RAÍZES

Tantas as vidas, tantas as mortes, sempre os mesmos amores, permanecidos, embora um pouco esfolados. Abatidas algumas convicções, as incertezas andam buscando repousar em alguma guarida. Salvaguardada a pele, a memória, esquecidas as dores, afastadas as decepções, aceitas as idas e vindas, lanço âncoras nas águas marinhas onde guardo a alma restaurada. Cancelo as ofensas nuas e cruas, distribuídas na mão e na contramão.

Implanto, transplanto, refaço o já feito. Procuo canteiros em grandes quantidades. Amo por varejo, necessito por atacado.



FONTE

Fonte que me faz sonhar, dá-nos uma razão para a sobrevivência. Nasces para dar sentido aos assuntos das águas, te moves por corredores paralelos, inventas

caminhos e te estancas água para ser admirada, como espelho onde caiba rosto, fantasia e a serena paz que oficializa teu pouso. Fonte que nivela terrenos, alimento ordenador que desperta o assombro, inaugura o ar fresco, brota e desaparece de tuas fendas a água que se livra de ser cativa, e inunda o lago que resgata o ciclo que lavras, transpassas. Inventando arroios, riachos, rios, mares, até sustentar o jardim que te acolhe e encantar quem te contempla. Sempre ascendente, descendente, vaporosa, vigorosa se perdendo e se encontrando ora turba, ora serena do teu fluido, as energias emergindo, misturando-se em começos e fins nas tuas misteriosas aparências. Danças precipitada a molhar os intrusos que sobem no teu palco. De ti, brota a essência. Como mensageira, perpetuada, nunca ficas exausta.

TEMPO

Entre os olhos que distinguem, existem mágicas descobertas sobre as coisas vistas. As fantasias se acrescentam quanto mais me chegam os anos. Diminui-me o medo de viver entre harmonias espalhadas. Nas coisas mais elementares como um movimento, uma cor, um vento, um pôr-do-sol, faço descobertas das numerosas formas que despertam o encanto da apreciação. Sem a pressa dos últimos anos, me subordino à exigência de ter tempo para deixar acontecer. Quando acontece, saboreio o acaso. A vida escolhe através do espírito amadurecido pela experiência. Torno diverso o mesmo sentir de sempre, dou-lhe a forma com outro contorno, embora nele veja o de sempre, esse meu jeito mediterrâneo de sentir exagerado.

TRAGO COMIGO

Trago comigo uma coleção de lembranças guardadas a sete chaves. Sonhos que frequentei, lugares que já não existem, acabadas alegrias outrora correspondidas. Reúno novas estrelas para cobrir meu céu. Quando não me resta outra possibilidade, saio por aí, concordo em ir para fora de mim. Entre uma conciliação e uma resistência combino ficar de acordo com a realidade. Acordo nada responder até que minha sensibilidade adormecida não se ponha triste a ponto de não suportar a si mesma. Combino lembrar dos sonhos que logo esqueço, abandono-os para o passado, que coleta os perdidos. Aceito que cada um deles tome um rumo e se perca no tempo que escoar rápido.

Perdi a agilidade de lembrar, me falta multiplicar essa vontade de sair voando por aí. Persiste uma novidade que anuncia ter um novo sentido para tornar o efêmero definitivo.

LEMBRANÇAS

O que me alcança perceber é que uma torrente que não posso ignorar, descendo memória abaixo e subindo peito acima alaga sem consolo o tempo perdido, muito embora o atual renove e crie novos ares.

Sem epilogar, toda a aventura de viver não cabe em nenhuma descrição, compensa, mas não autentica; acerta o verbo, mas erra o adjetivo; levanta a fronte e baixa os olhos. Quando ergue-se a memória, a paz não escolhida se interrompe. A vontade acima de tudo, comete erros que a prudência não tolera.

Erguidas as imagens, transformadas em lembranças entusiasmadas, dou-me o dever de viver e reviver.



SE TU NÃO EXISTES

Se tu não existes tal como te vejo, então é minha imaginação que te cria?

Faz-se necessário a consideração de querer saber se sou

aquele que te inventa para dar à vida uma roupagem, como homenagem. Tal é minha criação? Ainda duvido. Não saberia como emitir uma solução que obtivesse semelhante solução.

Fragmento um poema mediterrâneo, uma dança oriental, como todas minhas obras, faço um arquivo de tudo o que me motivaste. Sigo tentando acreditar ser o autor.

Alguma âncora me convidou a ficar, fiz muito, recolhi as velas estendendo o tempo de ficar, dilatei uma inspiração incomum. Fostes uma inspirada obra que me chamou, usei a melhor astúcia para depositar em ti toda a sensibilidade. A mais mortal das lembranças plantei em ti, pus ao alcance de todas as faces da tua alegria. Ocupando todas as margens, discreta e serena executaste esse modo de viver autônomo, desobediente do criador que ficou sem saber onde andar, se andar rastejando buscando tua sombra ou detido na contemplação, feliz de fazer de ti seu exílio.

Como um ente imaginário, diz-me quem és? Uma invenção, uma quimera, uma utopia? Esforço-me para dar-te algumas expressões de reconhecimento, dar-te um rosto copiado de uma obra de arte, nem lembro se pintada ou esculpida, personalizando a qualidade que

te reservei.

Porém, amenizo minhas dúvidas quando vejo que a tua beleza saiu da fotografia, sem retoques para esconder-se no meu espanto, ali ela se mostra esplendida e brilhante, instantânea ficou permanente. Ficou, já ninguém, nem o tempo a removem dali. Do teu sorriso se desprende uma evidente mostra de que distribuis uma aceitação que valoriza o meu olhar cúmplice que te procura a título de honra.



A ESPERANÇA DERRADEIRA

Cubro o espanto o mais que posso até esvaziar-me de toda a dor que o acompanha. Ensaio um descaso para tornar a vida amena, original, sem as decadências que algumas perdas são capazes de me provocar. Complico os arranjos, rompo a harmonia do conjunto, suporte calado, até chegar a envernizar o feio, envelhecer a memória, expor à público uma desusada paixão que invento para ficar menos deserto.

De tanto assistir às injustiças, não mais me envolvi com a vida. Me refugiei numa sala sem pompa e sem flores. Diviso as entrelinhas que enxertam algum princípio que nada mais vale. Todos os espaços ocupados pelo virtual demitem as virtudes, arruinando encontros, odores, paladares, essas percepções que obrigam as presenças.

Distribuo os assuntos segundo a importância. Frequentemente, divagar tem a vantagem de dar o mesmo destino a tudo, nivelando o espírito e as carências. Já não exigo cultos nem respeito. Foi-me indeferido o pedido de alforria, portanto não posso expressar mais minha opinião nem encontro palavras para exprimir o que eu gostaria. Que sentido tem minha queixa? Doe-me quando me tocam as feridas. Perdi-me das guias, esqueci-me de guardar-lhes a referência, não tenho a hora e o essencial.

Só me restam as esperanças que me levarão de volta àquele valor mediterrâneo, àquelas aldeias libanesas onde nasceram meus pais. Elas guardam meu sonho maior de voltar ali e beber a água das montanhas de Asrun.

MOLDE

Acusado feito criança, chego à vida no tempo imposto, remetido pelo relógio que avança cumprindo.

Quando começo alguma história, não espero epílogos. Espero alguma crença que arranque de dentro de mim esse céu esquecido, desperte os anjos, ressuscite alguma fé que não se atualize em vão. A vida se me apresenta ambígua. Evito os meus defeitos, me entrego quase inteiro, desconfio de quem me acolhe, penso que é quase virtual minha esperança. Imagino-me um inventor de sonhos exagerados. Alardeio que ando com o peito fechado, ferido, escondendo as cores e os afetos virgens que em mim carrego. Guardo algum pedaço que ainda ficou por viver. Esqueço meu querer, quase choro por uma saudade que sei ter, murcho o riso, fecho a saída conforme o lugar. Não me moldo à ocasião, antes, vocifero ante a injustiça inventada, defendida, produzida há mais anos do que me entendo por gente. A poesia em mim cruza meus limites invadindo horas, lugares, os falsos amigos, os que me toleram e não comparecem à hora de me ofertar amizade. Tenho um amor que se manifesta conforme a hora, que desobedece ao relógio, o previsto, a razão, e que inventou uma ordem onde a desordem refez os encontros.

CAÇADOR DO PASSADO

O resgate desse que fui torna-me caçador da minha realidade adormecida no passado. Garimpando-o, encontro aqui e ali um esquecimento feito pó deixado em cada lugar por onde vivi intensamente. A voz que cantava era condutora dos meus sonhos, fazendo da ternura um produto de contágio proposital. Cada sorriso uma propriedade privada ternamente deixada em algum canto. Temia que alguma traição me violasse a sede de viver.

Ensinaram-me um desejar reduzido, inibido, envergonhado, sofrido. Vivi com culpa minha natureza que brotava inteira e honesta por todos meus poros. Quantos sonhos nasceram e morreram calados dentro de mim. Sigo sentindo como uma criança assustada que teme confessar-se atemporal, sabendo ser o tempo um dos crônicos mistérios, promotor de angústias que criam desafios entre a paixão e a resignação.

Especializei-me em cuidar dos outros embora eu seja um daqueles que mais necessita de cuidados. É que esse meu olhar fica curto para alcançar ver-me em minhas carências. Uma das caras da minha onipotência pretende despojar-me do vazio que me habita, disfarçando minha fragilidade ao simular fortalezas.

SURPRESAS

Desde que eu decidi falar de dentro de mim, esqueci os botões e resolvi falar com alguém. E como estivesse desacostumado, dividi-me entre vontade e medo. Ao mesmo tempo em que iluminava o íntimo, resguardei-me do explícito, cobrindo--o com uma aura de mistério. Desobriguei-me de reverenciar aqueles que não aprecio. Mantenho a pretensão de uma longa duração, me prolongo desafiando minhas limitações; evito, assim, a amargura e a dor, que considero como meus limites. Convertendo algumas convicções, engrandeci meu sentimento solidário. Movido pela meiguice, perdi a vergonha de amar, deixei-me arrastar por redes, por correntes, tornei-me independente para ser livre. Embarquei na deliberação. Deliberei introduzir a mediação, a união, a harmonia. Deliberei abandonar o supérfluo, os superficiais. Deliberei parar de criticar aqueles que não sustentam possibilidades de melhoras. Abasteço uma fantasia que deverá incluir os efeitos que adornam o impossível e o improvável. Evito ensaiar o que não saberei representar. Evito surpresas.

O MUNDO DAS RECORDAÇÕES

O mundo das recordações, não é outra coisa senão uma matriz onde guardo o tempo. Da mesma maneira que o passado se perde no tempo, a recordação resgata no presente. Para cumprir seu ciclo histórico, faz-se necessário que uma recordação morra para dar possibilidade de existência ao esquecimento e é assim que se perdoa, se releva, que os mitos morrem, que os opostos se misturam e se enterram os ossos. Quais eram os caminhos transitados pela recordação antes da chegada no destino? A serviço de qual missão se dá o resgate? A dualidade da natureza nos leva através da memória à origem, a ver o rosto do pai ou da mãe que tomam vida para que a amargura cesse. Recordar não é voltar para trás, mas dar sentido ao futuro. A recordação presente não é uma história, é uma intenção trabalhada pelo sonho e pelo devaneio, uma correção pouco autêntica do já vivido. É um informe inédito porque embaralha os dados sempre dispostos para adoçar ou atormentar o autor da recordação.



Roberto Curi Hallal

